

MESTRADO
DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL

TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO

VIVÊNCIAS DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES
MUÇULMANAS NOS CAMPOS DE REFUGIADOS/AS: CASO DAS
MULHERES ROHINGYA

FLÁVIA ALEXANDRA CARVALHO GORGULHO

OUTUBRO-2021

MESTRADO
DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL

TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO

VIVÊNCIAS DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES
MUÇULMANAS NOS CAMPOS DE REFUGIADOS/AS: CASO DAS
MULHERES ROHINGYA

FLÁVIA ALEXANDRA CARVALHO GORGULHO

ORIENTAÇÃO:

PROFESSORA DOUTORA SARA FALCÃO CASACA

OUTUBRO-2021

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Simão, que me incentivou a entrar neste mestrado e tornou esta jornada possível. Agradeço os conselhos, a ajuda, o suporte e o apoio emocional. Serei sempre grata por toda a sua dedicação. Ao nosso cão, Abisko, o cão mais companheiro e afetuoso.

À minha mãe e pai, Isabel e António, às minhas irmãs Vanessa e Mónica, aos/às meus/minhas sobrinhos/as Íris, Ciro, Francisco, Diego, Flor e Eduardo pelos fins-de-semana de boa disposição.

Aos meus sogros, Cristina e Amílcar, por toda a sabedoria e hospitalidade.

À minha orientadora, Professora Doutora Sara Falcão Casaca, pela valiosa orientação, sugestões, palavras de apoio, supervisão e disponibilidade, que contribuíram muito para a conclusão bem-sucedida desta dissertação.

À Professora Doutora Lurdes Macedo, por toda a sua cooperação, conhecimento e disponibilidade.

Às colegas e amigas que este mestrado me brindou, Carolina e Teresa, pelas longas conversas e gargalhadas sem fim.

Finalmente, a todas as pessoas entrevistadas, por partilharem histórias únicas e tornarem esta investigação possível. ENG: Finally, to all the people interviewed, for sharing unique stories and making this investigation possible.

RESUMO

Em Cox's Bazar há cerca de 855 mil refugiados/as Rohingya a viver em condições incertas, sendo o grupo mais prevalente e vulnerável o das mulheres e meninas. São afetadas pela falta de acesso à educação e saúde, pela segregação sexual e outros aspetos ligados às práticas religiosas e culturais Rohingya. Nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar é esperado que mulheres e meninas permaneçam em casa e desempenhem papéis tradicionais de género, impedidas de contribuírem mais ativamente para a comunidade. Consequentemente, esta dissertação tem como principal objetivo demonstrar a importância da emancipação das mulheres muçulmanas Rohingya nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar, em prol do desenvolvimento coletivo desta comunidade. Neste sentido, procedemos à revisão de literatura existente e realização de dez entrevistas, de forma a caracterizar as vivências de empoderamento, o modo como estas se exprimem e são capazes de mudar o papel social das mulheres nesta comunidade muçulmana. Por muitos obstáculos ao empoderamento das mulheres Rohingya nestes campos, a sua persistência e resiliência pretendem transformar o enquadramento normativo e social desta comunidade – uma mais inclusiva e desenvolvida.

Palavras-chave: Rohingya; campos de refugiados/as; Bangladesh; Cox's Bazar, empoderamento feminino

ABSTRACT

There are around 855,000 Rohingya refugees living in uncertain conditions in Cox's Bazar, women and girls being the most prevalent and vulnerable group. They are affected by the lack of access to education and health, sexual segregation and other aspects related to Rohingya religion and cultural practices. In these refugee camps women and girls are expected to remain at home and play traditional gender roles, prevented from contributing more actively to the community. Therefore, this dissertation's main objective is to demonstrate the importance of the emancipation of Muslim Rohingya women in Cox's Bazar's refugee camps, in order to boost the general development of this community. To this extend, we reviewed the existing literature and carried out ten interviews, in order to characterize the experiences of empowerment, the way they are expressed and are able to change the social role of women in this Muslim community. Despite the many obstacles to the empowerment of Rohingya women in these camps, their persistence and resilience aim to transform the normative and social framework of this community – a more inclusive and developed one.

Keywords: Rohingya; refugee camps; Bangladesh; Cox's Bazar, female empowerment

ÍNDICE

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract.....	iii
Abreviaturas.....	v
Introdução.....	1
1. Enquadramento da Problemática	2
1.1 Desenvolvimento Humano, Género e Migrações Forçadas	2
1.2 A crise de refugiados/as Rohingya	5
1.3 Violência de Género nos Campos de Cox's Bazar.....	8
1.4 Papel social das mulheres muçulmanas.....	12
1.5 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: “Não deixar ninguém para trás”	16
2. Vivências de empoderamento das mulheres refugiadas Rohingya	18
2.1 Escolha metodológica.....	18
2.2 Análise do conteúdo das entrevistas.....	20
2.2.1 Histórias de empoderamento e resiliência nos campos de refugiados/as	20
2.2.2 Obstáculos e Desafios.....	24
2.2.3 Recomendações e Perspetivas	29
Conclusão	32
Bibliografia.....	34
Anexos	40
Anexo I – Carta de Consentimento	40
Anexo II – Guião da entrevista.....	40
Anexo III – Listagem dos/as entrevistados/as	41
Anexo IV – Citações relevantes	42

ABREVIATURAS

ACNUR: Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados/as

ODS: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

OIM: Organização Internacional para as Migrações

ONG: Organização não governamental

ONU: Organização das Nações Unidas

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

INTRODUÇÃO

Durante o século XXI, o número de refugiados/as atingiu recordes sem precedentes. Em 2019, a ACNUR reportou a existência de aproximadamente 86,5 milhões de pessoas refugiadas, retornadas, internamente deslocadas ou apátridas, sendo que estas últimas representam cerca de 5% do total (4,2 milhões) – e nestes estão incluídos os 1 113 315 Rohingya que vivem no Bangladesh, Índia, Indonésia, Malásia, Tailândia e ainda nos campos de Myanmar (UNHCR, 2019, p.5). Aos apátridas é negada a nacionalidade e o acesso aos direitos básicos, como educação, saúde, emprego e liberdade de movimento. De acordo com o mesmo relatório, há cerca de 855 mil Rohingya nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar, no Bangladesh, sendo que 78% são mulheres e crianças (*ibid*, p. 113).

A crise de refugiados/as com origem no Myanmar afetou desproporcionalmente mulheres e meninas ao enaltecer as desigualdades de género já existentes na comunidade muçulmana Rohingya. De acordo com a prática religiosa e cultural Rohingya, as mulheres deveriam ocupar uma posição mais passiva e familiar, enquanto que os homens estariam mais presentes na esfera pública (Akhter & Kusakabe, 2014). No entanto, muitos dos homens – e líderes familiares – foram mortos pelo exército do Myanmar, estão desaparecidos ou ficaram no Myanmar, o que fez com que o número de famílias chefiadas por mulheres aumentasse nos campos de refugiados/as no Bangladesh (Karin et al, 2020). Ao respeitar as normas religiosas e culturais da comunidade em que estão inseridas, as mulheres e famílias chefiadas por estas encontram-se ainda mais vulneráveis à instabilidade e não consideram os serviços comunitários, com receio de repercussões à integridade pessoal, como tráfico, assédio e violação (Oxfam, 2018).

Adicionalmente, os campos de refugiados/as fazem parte de um desafio global do desenvolvimento sustentável. Hoje-em-dia, a comunidade de refugiados/as estão entre a população mais longe de alcançar as metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 das Nações Unidas. O cerne desta Agenda é “não deixar ninguém para trás”. Numa perspetiva de género esta ação exige que todas as mulheres e meninas tenham direitos e oportunidades iguais, independentemente do local, idade, etnia, orientação sexual, migração ou outro estatuto (UNHabitat, 2020).

Através desta exposição pretende-se demonstrar a importância da emancipação das mulheres muçulmanas Rohingya dentro nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar, numa comunidade onde a religião tem um peso preponderante nas decisões políticas e sociais. Nesta lógica, caracterizaremos as vivências de empoderamento, o modo como estas se exprimem, materializam e são capazes de mudar o papel social das mulheres nesta comunidade muçulmana. Abordaremos esta temática através do empoderamento das mulheres dentro de uma lógica de desenvolvimento humano, que inclui o acesso à educação, trabalho digno, igualdade de género, justiça social, paz e segurança.

Esta investigação é composta por duas partes: enquadramento da problemática e análise das vivências de empoderamento. Na primeira parte procede-se a uma revisão da literatura acerca do desenvolvimento humano, relações de género e migrações forçadas, assim como é examinado o progresso histórico da minoria étnica Rohingya e o papel das mulheres nesta comunidade. A segunda parte centra-se nas opções metodológicas, análise e discussão do conteúdo das entrevistas centradas nas vivências de empoderamento das Mulheres Rohingya presentes nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar.

1. ENQUADRAMENTO DA PROBLEMÁTICA

1.1 DESENVOLVIMENTO HUMANO, GÉNERO E MIGRAÇÕES FORÇADAS

O desenvolvimento focava-se, tradicionalmente, na questão da desigualdade económica entre países e no impacto político e social das abordagens neoliberais (Perrons, 2015). A partir do Relatório do Desenvolvimento Humano de 1990, a teoria de desenvolvimento de Amartya Sen estabeleceu a expansão das capacidades como objetivo fulcral do desenvolvimento humano. Nesse sentido, o propósito do desenvolvimento é remover os obstáculos existentes – como o analfabetismo, problemas de saúde, fraco acesso a recursos e falta de liberdade civil e política – de modo a promover a mudança (Perrons, 2015). A influência do paradigma de Sen permaneceu presente na evolução da abordagem do desenvolvimento humano, em áreas como o desenvolvimento sustentável, igualdade de género, pobreza, direitos humanos e democracia (*ibid.*).

Amartya Sen, na sua obra *Idea of Justice*, ao considerar a importância das instituições, argumenta que os princípios da justiça devem ser definidos em relação às

vidas e liberdades reais da sociedade (Sen, 2009). Deste modo, uma pessoa livre e com oportunidades de escolha é capaz de expandir as suas capacidades de realizar atividades como ler, trabalhar, ser politicamente ativa e ter acesso a cuidados básicos de saúde e educação (Robeyns, 2003).

De acordo com Fukuda-Parr (2003), as pessoas desempenham um papel central na mudança, não sendo apenas beneficiárias do progresso económico e social de uma sociedade. Os seres humanos acabam por ser agentes de mudança por meio de ações individuais e coletivas. A ação individual molda o desenvolvimento por meio de atividades, como a educação. A ação coletiva é capaz de estimular mudanças nas políticas, como nas de igualdade de género, promoção dos direitos humanos, entre outros. Segundo o autor, a existência de instituições políticas capazes de ouvir a sociedade e garantir tomadas de decisões responsáveis são uma condição central para a promoção do desenvolvimento humano (Fukuda-Parr, 2003).

Neste sentido, a abordagem das capacidades tem um grande potencial de tratar as preocupações com questões de género, na medida que o empoderamento feminino não se foca apenas no bem-estar material, mas também em capacidades como a saúde reprodutiva, direito ao voto, poder político, educação, entre outros (Robeyns, 2003). Tal como Sen refere, a questão da desigualdade de género poderia ser melhor entendida através das capacidades e liberdades das mulheres, e não só pelos meios e recursos (Sen, 1992).

A abordagem das capacidades de Sen (1999) demonstra que o empoderamento humano é a expansão da capacidade de escolhas estratégicas de vida das pessoas. O empoderamento das mulheres é compreendido como o resultado de um processo mais amplo de empoderamento humano, no qual as oportunidades de conhecimento nutrem crenças emancipatórias (Kabeer, 2005). Segundo Alexander e Welzel (2011), o empoderamento das mulheres prende-se com a capacidade e oportunidade que as mulheres têm de estruturar a sua vida e da sociedade. Este empoderamento, de acordo com Sen (1999), é a chave para o desenvolvimento da paz, prosperidade e democracia. Tal como descrito pelo PNUD em 1995:

The recognition of equal rights for women along with men, and the determination to combat discrimination on the basis of gender are achievements equal in importance to the abolition of slavery, the elimination of colonialism and the establishment of equal rights for racial and ethnic minorities.

in Fukuda-Parr, 2003, p.301

Questões como falta de liberdade civil, política e religiosa são obstáculos ao desenvolvimento humano. Por exemplo, a minoria Rohingya, segundo Amartya Sen, é vítima de um ‘genocídio lento’ (Sen, 2014). O Governo de Myanmar nega o acesso desta comunidade à saúde, alimentação, oportunidade de trabalhar e gerar rendimento, direitos políticos e económicos. Sen refere-se a esta comunidade como: *Living a life like no human being should be living* (Sen, 2014). Mais tarde, em 2017, o exército de Myanmar foi acusado de genocídio pela ONU, o que despoletou um êxodo de 164 mil pessoas da comunidade Rohingya em direção a Bangladesh (OCHA, 2019 in Farrington, 2019, p.296).

A migração internacional é um fenómeno complexo que atinge uma multiplicidade de aspetos económicos, sociais e de segurança. Nos últimos anos, a migração forçada aumentou devido a conflitos, perseguições e violação dos direitos humanos (IOM, 2018), tornando-se um dos maiores desafios para a comunidade internacional, especialmente para os países de acolhimento, como o Bangladesh. Segundo Casimiro e Costa (2018), as políticas públicas de acolhimento a refugiados/as elaboradas pelos países de acolhimento são soluções temporárias, pois consideram que as/os migrantes estão apenas de passagem, sem avaliar uma possível integração na sociedade local.

Considerando a teoria da justiça de Amartya Sen, a integração de refugiados/as feita pelos países de acolhimento dá-lhes uma condição de desvantagem, visto que estas pessoas não participam no processo de conceção, implementação e avaliação dos programas e projetos (Casimiro & Costa, 2018). Sen (2011) defende que as políticas de integração de refugiados/as devem garantir a sua participação, entrada no mercado de trabalho, educação e liberdade cultural, linguística e religiosa.

A componente cultural e religiosa está bastante presente na comunidade Rohingya. De acordo com Tinker e Zuckerman (2013), o género caracteriza o que é aceite ou não numa sociedade, sendo os papéis sociais manipulados pelo Governo ou líderes religiosos, com o intuito de minimizar a importância das mulheres na sociedade. Inglehart e Norris (2003) mostram que o domínio do Islão numa sociedade está associado a um legado ideológico patriarcal que impede o surgimento de crenças emancipatórias das mulheres (cit. In Alexander & Welzel, 2011, pp.371-372), como o caso da comunidade muçulmana Rohingya. Os líderes religiosos desempenham um papel central na tomada de decisões dentro dos campos de refugiados/as no Bangladesh. Neste sentido, o empoderamento das mulheres refugiadas Rohingya torna-se um passo resolutivo na criação de políticas mais abrangentes e sustentáveis de modo a responder às necessidades básicas da comunidade, que antes não eram consideradas (Oxfam, 2020).

Como Tinker e Zuckerman (2013) referem, inicialmente as mulheres eram invisíveis na teoria do desenvolvimento económico; contudo, a transição socioeconómica da sociedade tem alterado a estrutura familiar e patriarcal no sentido de maximizar o papel das mulheres. Segundo as autoras, os países que ainda resistem à noção de mulheres a ocupar funções políticas e económicas acabarão por abandonar as barreiras culturais e religiosas, devido à pressão das ações individuais e coletivas.

1.2 A CRISE DE REFUGIADOS/AS ROHINGYA

A comunidade Rohingya é uma das minorias étnicas mais perseguidas no mundo. Centenas de milhares de pessoas, incluindo um elevado número de mulheres e crianças, procuram refúgio em países como o Bangladesh (onde se encontra o maior campo de refugiados/as do mundo (Henschke & Garcez, 2020), Tailândia e Malásia. Ainda assim, um número considerável permanece confinado em campos em Myanmar, o seu país de origem (Abdelkader, 2014).

A região de Rakhine, litoral oeste de Myanmar (antigo território de Arakan), foi habitada pela comunidade Rohingya durante centenas de anos (Ahmed, 2010 in Akhter & Kusakabe, 2014). Arakan era um reino independente até 1785, ano em que Birmânia – hoje conhecida como Myanmar – anexou esta região ao estado de Rakhine. Até 1948, ano da independência britânica de Myanmar, a convivência entre povos era pacífica, contudo

o Governo de Myanmar restringiu os poderes da etnia Rohingya desde então (Akhter & Kusakabe, 2014).

O Governo do Myanmar nega-lhes a cidadania e identificação nacional, certificados de nascimento, mobilidade, acesso à saúde e educação (Bhatia et al, 2018). A comunidade Rohingya encontra-se numa situação particularmente ambígua e precária de perda de direitos políticos, civis, sociais, económicos e culturais, sendo estes direitos humanos fundamentais e invioláveis (Swazo et al., 2021). As pessoas Rohingya permanecem apátridas desde 1982, aquando do lançamento da Lei da Cidadania, que os priva de direitos de cidadania. A violação dos direitos humanos é agravada pelo extremismo nacionalista-Budista concomitante de alguns dos membros do Exército de Myanmar. Isto leva à morte de mulheres, homens e crianças; destruição de casas, negócios e mesquitas; e migração forçada (Abdelkader, 2014).

Nos últimos anos a comunidade Rohingya tem sido alvo de violação, escravatura sexual, tortura, assassinato, abuso físico, apreensão e destruição de propriedade, perseguição religiosa, trabalho forçado e atos de genocídio (Ullah, 2011). A principal convergência é da forte identidade budista com o nacionalismo de Myanmar por parte de alguns dirigentes:

The majority of people in Myanmar appear to see the Rohingya as crusading Islamizers bent on dislodging Buddhism from its central position in society. This, therefore, makes them a greater menace to the young democracy than an invigorated military.

Wade, 2017 in Swazo et al., 2021, p.9

Segundo imagens de satélite da *Human Rights Watch* (BBC, 2020), cerca de 288 aldeias foram destruídas por incêndios depois de agosto de 2017, mês em que se registou o maior êxodo Rohingya de sempre até à data atual. Mesmo com evidências, Aung San Suu Kyi¹ rejeitou as acusações de genocídio quando compareceu no tribunal a dezembro

¹ Em 2015, liderou o Partido Liga Nacional para a Democracia até à vitória na primeira eleição democrática em Myanmar. Contudo, em 2021 foi deposta por um golpe militar. Fonte: BBC. (2021). *Aung San Suu Kyi*:

de 2019 (BBC, 2017). Estima-se que ainda se encontrem cerca de 600 mil Rohingya a viver confinados em campos no estado de Rakhine, a norte de Myanmar, sem liberdade de circulação, trabalho, estudo, saúde, entre outros (BBC, 2020).

No sentido de encontrarem segurança e estabilidade, desde 1978 até 2019, cerca mais de um milhão de Rohingyas abandonaram o estado de Rakhine, em Myanmar, (Swazo et al., 2021). Só em 2017, cerca de 745 mil pessoas atravessaram a fronteira para o distrito de Cox's Bazar, Bangladesh, juntando-se aos cerca de 164 mil refugiados/as já presentes nos *upazilas*² de Ukhiya e Teknaf (OCHA, 2019 in Farrington, 2019, p.296). A rapidez da afluência fez com que as condições habitacionais diminuíssem nos campos de refugiados/as, criando problemas ambientais, de preparação para desastres e de gestão para o Governo de Bangladesh e agências internacionais (Swazo et al., 2021).

O Bangladesh recusa atribuir o estatuto de refugiada ou refugiado à população Rohingya (Bhatia et al, 2018). Consequentemente, não são autorizados a trabalhar no setor formal, e enfrentam barreiras de acesso aos serviços de educação, saúde e justiça (Zetter e Ruaudel, 2016 in Bhatia et al, 2018). O Governo não aceita o estabelecimento dos campos de refugiados/as em Cox's Bazar como uma solução sustentável e continua a explorar outras opções, incluindo a realocação para outros locais de Bangladesh (como as ilhas de Bhasan Char (Opu, 2020) e posterior deportação forçada para Myanmar, sem que as questões de segurança estejam asseguradas por este Governo (Bhatia et al, 2018).

We have many problems here. We don't have enough working opportunities, or opportunities for education. Our children can't go to school for proper education. Some security problems are also here. Days are passing and our children are getting older.

Refugiada Rohingya, Cox's Bazar in Oxfam, 2020, p.22

De acordo com Sullivan (2020), as autoridades de Bangladesh limitaram os esforços das agências da ONU e ONG no fornecimento de educação nos campos de

Myanmar democracy icon who fell from grace. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-11685977> [Acesso em: fevereiro 2021]

² *Upazila*: Depois dos municípios e distritos, é a terceira maior divisão administrativa em Bangladesh.

refugiados/as, bem como negaram oportunidades de subsistência e restrição da liberdade de movimento à população Rohingya. No final de agosto de 2019, o Governo encetou uma série de restrições de acesso à internet e comunicações, confiscou telemóveis, reprimiu líderes da sociedade civil e estabeleceu cercas ao redor dos campos de refugiados/as (Sullivan, 2020).

A condição geral destes campos é precária, inclui uma fraca proteção, segurança e acomodação, bem como instalações de saneamento, saúde e nutrição débeis (UNHCR, 2018). Ainda assim, o Governo do Bangladesh, com coerção de diferentes organizações, trabalham num sentido de melhorar as condições dos campos, para os capacitar de infraestruturas capazes de resistir às monções, um dos maiores problemas a enfrentar por milhares de refugiados/as (*ibid.*).

Nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar, a comunidade Rohingya não tem acesso ao sistema judicial de Bangladesh. Em vez disso, as refugiados/as e refugiados/as contam com um sistema informal (liderado por religiosos) com sérias limitações - especialmente para mulheres e meninas que enfrentam violência sexual e de género (Ahmed, 2020). Há casos de violação, tráfico de drogas, roubos e tráfico de pessoas. Neste ambiente incerto, os jovens acabam por recorrer ao crime para ultrapassar as suas dificuldades. Esta constante falta de segurança tornou-se uma preocupação nos campos Rohingya (The Daily Star, 2019).

We just want to go back as soon as possible [to Myanmar] but we need justice, dignity, and full citizenship rights.

Refugiado Rohingya, Cox's Bazar in Sullivan, 2020, p.10

A comunidade Rohingya pretende regressar ao seu país de origem, assim que as condições o permitirem. É central procurar um processo consonante e sustentável que vá de encontro às necessidades da comunidade e, para isto, a sua participação ativa é central na busca de uma solução permanente e eficaz.

1.3 VIOLÊNCIA DE GÉNERO NOS CAMPOS DE COX'S BAZAR

De acordo com o PNUD, a violência de género está presente em todas as regiões do mundo. É uma violação de direitos básicos que impede as mulheres de exercerem direitos sociais, económicos e políticos³. A igualdade de género é uma estrutura essencial para um mundo pacífico, próspero e sustentável.

Karin et al (2020), destaca o facto de que a crise Rohingya afeta mais os grupos vulneráveis à violência de género, como mulheres, pessoas idosas, pessoas com deficiência, crianças, adolescentes, famílias chefiadas por mulheres, mulheres solteiras, pais solteiros, minorias religiosas, pessoas de diversas identidades de género e orientações sexuais. Contudo, segundo os autores, as mulheres e meninas são o grupo mais desprotegido, pois também enfrentam barreiras de acesso à ajuda humanitária e têm um histórico de violência extrema e distúrbios psicológicos graves devido às atrocidades cometidas pelo Exército de Myanmar. De acordo com o relatório *Rohingya Refugee Response Gender Analysis* da Oxfam, a violência de género está bastante presente na comunidade Rohingya, sendo muçulmanos o casamento infantil, a poligamia e a violência doméstica são para alguns quase que normas sociais e tendem a aumentar (Oxfam, 2018, p.6).

O relatório de 2018 da *Interagency Working Group on Reproductive Health in Crisis* apontou que 60% dos/as refugiados/as que chegaram nesse ano a Bangladesh eram mulheres e meninas, incluindo 3% grávidas e 7% mulheres a amamentar (IAWG, 2018, p.1). Este fluxo criou uma necessidade de prestar serviços de proteção e apoio no que diz respeito à falta de acesso ao cuidado das vítimas de violação e violência de género, prestação de serviços de saúde sexual, reprodutiva e maternal e criação de movimentos de sensibilização do casamento infantil. De acordo com o relatório *Refugee influx Emergency Vulnerability Assessment* do *World Food Program*, os agregados familiares chefiados por mulheres são mais vulneráveis à insegurança alimentar (45% são vulneráveis ou altamente vulneráveis) do que aqueles chefiados por homens (35%) (WFP, 2017, p.2). Já o relatório *Rohingya Refugee Response Gender Analysis* da Oxfam, refere que as condições dos campos de refugiados/as estão a melhorar, contudo há um longo

³ UNPD. *Gender-based violence*. Disponível em: <https://www.undp.org/content/undp/en/home/2030-agenda-for-sustainable-development/people/gender-equality/gender-based-violence.html> [Acesso em: fevereiro 2021]

caminho por percorrer para que todas as necessidades das mulheres e meninas sejam atendidas (Oxfam, 2018). Estas mulheres já experienciaram ou testemunharam violência de género, sendo que esta crise veio exacerbar ainda mais a desigualdade, violência e discriminação (Nelson et al, 2020). Segundo Karin et al (2020) as principais preocupações prendem-se com as características socioeconómicas, habitação, alimentação, água e saneamento, segurança, conhecimento e educação.

Segundo a Oxfam (2018), os agregados familiares chefiados por mulheres encontram-se no grupo dos mais expostos à instabilidade, uma vez que há graves tensões entre as normas de género restritivas e a carga adicional imposta às mulheres que se encontram sozinhas. As mulheres não consideram os serviços comunitários, pois sentem-se expostas, e não consultam os representantes religiosos, devido às normas sociais muçulmanas.

If I were a man, I would have power and would be able to protect my family, and collect aid donations, firewood, water and other things more easily.

Refugiada Rohingya e mãe solteira, Cox's Bazar in Oxfam, 2018, p.17

As mulheres enfrentam grandes entraves acesso e participação nas atividades de subsistência. A maioria não se encontra a trabalhar (mesmo que informalmente), devido às restrições das autoridades e questões religiosas (Karin et al, 2020, p.5). Mesmo assim, algumas mulheres trabalham como parteiras, pequenas comerciantes, coletoras de lenha e comida das montanhas e, muitas delas, dependem dos pequenos trabalhos das ONG (*ibid.*).

De sublinhar que a segurança e a proteção são componentes centrais para um nível de vida estável e sustentável. No entanto, nos campos de refugiados/as muitas das mulheres e meninas são vítimas de assédio sexual e físico, violência de género e sexual, exploração sexual, violação e violência doméstica (*ibid.*, pp.10,11). Na sua obra *Gender-based Violence among documented Rohingya Refugees in Bangladesh*, Akhter e Kusakabe demonstram como as mulheres nesta sociedade veem a violência doméstica:

My husband has a tough life. [...] He is very frustrated with life and society. [...] He passes his time by drinking. If I tell him to stop drinking, he starts to physically and verbally abuse me. [...] I know he is a very nice man, he does not want to beat me, but frustration is destroying his life.

Refugiada Rohingya, Cox's Bazar in Akhter & Kusakabe, 2014, p.238

Por não haver recursos suficientes, as mulheres são forçadas a trabalhar fora dos campos, algo que não estavam habituadas em Myanmar. Esta alteração da sua mobilidade aumentou o seu papel económico ao mesmo tempo que aumentou a frustração do parceiro e violência contra as mulheres (Akhter & Kusakabe, 2014).

Há uma lacuna relativamente ao conhecimento dos direitos humanos, proteção, saúde sexual e reprodutiva, questões de nutrição, desastres ambientais, entre outros (Karin et al, 2020). Os/As refugiados/as também não estão cientes dos benefícios sociais e familiares da equidade e igualdade de género e existem grandes falhas nos campos da educação, conhecimento humanitário, governação comunitária, saúde e higiene e empoderamento das mulheres (*ibid*). Outro dos problemas é o facto de mulheres e meninas terem um acesso limitado à informação e serviços essenciais, pois não se sentem confortáveis em deslocar-se à escola ou centros de convívio devido às suas crenças religiosas (*ibid*).

Em consequência do rápido fluxo para os campos de Cox's Bazar, as condições do fornecimento de água e instalações de higiene e saneamento (latrinas, postos de água, unidades de banho e espaços sociais) deterioraram e as limitações e adversidades aumentaram (Farrington, 2019). O fraco acesso à informação sobre menstruação, a barreira criada por regras religiosas e a falta de recursos fazem com que adolescentes e mulheres não possam ter acesso a material de higiene menstrual e reprodutivo (Karin et al, 2020).

A vulnerabilidade é frequentemente diferenciada por género, principalmente no que concerne o acesso ou controlo de recursos essenciais e a falta de direitos. A desigualdade de género pode ser identificada em diversos indicadores como o âmbito da

saúde, proteção contra qualquer tipo de violência, cuidados pré-natais, educação, liberdade de circulação, discriminação familiar, liberdades civis limitativas, representação e empoderamento na esfera socioeconómica (Nelson et al, 2020). A dissemelhança destes indicadores em muito influencia o nível de bem-estar e desenvolvimento humano de uma comunidade.

1.4 PAPEL SOCIAL DAS MULHERES MUÇULMANAS ROHINGYA

A comunidade Rohingya pratica o Islão sunita, pertencente ao pensamento Hanafi, uma conceção religiosa mais tradicional que as outras vertentes existentes (Ripoll et al, 2017). Neste sentido, o papel das mulheres muçulmanas é subjugado por uma estrutura patriarcal vigorosa e sujeito a dogmas religiosos. Isto reflete-se no Índice de desigualdade de género, em que, segundo o *Human Development Report 2020* do PNUD, o Bangladesh encontra-se na posição 133 e o Myanmar 118 de 189 países (UNPD, 2020, p. 363). Este índice usa três dimensões na avaliação: saúde reprodutiva, empoderamento e mercado de trabalho (*ibid*, p.338).

No Myanmar e Bangladesh, as mulheres e meninas Rohingya enfrentam diversos obstáculos para se manterem seguras e, atenderem às suas necessidades básicas e direitos. Estas mulheres defrontam-se com falta de oportunidades e acessibilidade, devido às restrições impostas pela própria comunidade e autoridades governamentais (Oxfam, 2020).

As normas sociais da comunidade Rohingya são, muitas das vezes, ditadas pela tradição e procedimentos religiosos, que defendem papéis e valores tradicionais de género. Nos campos de refugiados/as, o *Imam*⁴ e *Mahji*⁵ dominam as estruturas de poder, a nível doméstico e comunitário de uma forma corrupta (Akhter & Kusakabe, 2014). É necessário pedir permissão para trabalhar e, caso o façam, têm que pagar uma espécie de taxa informal. Algumas mulheres são obrigadas a oferecer serviços sexuais para obter permissão para trabalhar (*ibid*). De acordo com a última avaliação de necessidades da

⁴ *Imam*: é a posição de liderança islâmica. É mais comumente no contexto de um líder de adoração de uma mesquita e comunidade muçulmana.

⁵ *Mahji* ou *Mahjee*: líder comunitário Rohingya

Gender in Humanitarian Action Working Group, 84% das mulheres relataram que o *Mahji* é o primeiro ponto de contato em caso de agressão, sendo que provedores de assistência jurídica, polícia e centros de saúde relatam menos de 10% (GIHA, 2019 in UNWomen & UNFPA, 2020, p.29). Embora o ACNUR tenha organizado um centro para mulheres e homens expressarem e partilharem suas dificuldades e experiências, as mulheres não o frequentam, em parte devido ao estigma social associado à violência sexual e física, mas, principalmente, porque não podem levantar essas questões diretamente com pessoas de fora do círculo familiar e religioso (Akhter & Kusakabe, 2014).

As principais preocupações sobre a responsabilidade destas autoridades prendem-se com prisões e detenções arbitrárias, impostos ilícitos e violência sexual e de género (UNHCR, 2007 in Ripoll, 2020, p.20). O ACNUR apoiou a eleição de líderes locais em diferentes campos de refugiados/as, contudo tem sido difícil manter ou expandir a prática. Os *Mahjis* que foram substituídos pelos líderes eleitos mantêm a sua influência e ressentidos com a perda de reconhecimento formal. A eleição de líderes femininas tem sido particularmente controversa dentro da sociedade Rohingya tradicionalmente dominada por homens, o que leva a debates dentro da comunidade humanitária sobre a melhor forma de aumentar a representação feminina sem alimentar tensões sociais e colocar as mulheres em risco (Sullivan, 2020).

A religião ainda desempenha um papel central no dia-a-dia de muitas mulheres, que descrevem a fé como um auxílio essencial na gestão do stress e resolução de problemas (Shaw et al, 2019). Contudo, a prática pública da religião (por exemplo ir à mesquita) por mulheres refugiadas é bastante limitada devido à frequente violência de género e o medo de perseguição religiosa (*ibid.*).

Segundo o *Gender Assessment in Official Refugee Camps in Cox's Bazar, Bangladesh* (2015) da ACNUR e UNWomen, 95% das mulheres e homens Rohingya relataram que o principal papel das mulheres era cozinhar, 53% defendiam que a mulher deveria permanecer em casa e cerca de 42% das mulheres entrevistadas passavam, em média, 21 a 24 horas dentro da habitação (in ISCG, 2017, p.2).

Na comunidade Rohingya, as normas culturais e sociais e o sistema de poder pré-existente aumentam o grau de vulnerabilidade das mulheres. Há diversas limitações à liberdade, movimento e envolvimento na esfera pública e cívica. A prática da *pardah*⁶ exacerba a vulnerabilidade, na medida que há uma segregação de género, a mobilidade encontra-se reduzida e há desigualdades dos processos de decisão (Nelson et al, 2020). Resumidamente, *pardah* (ou cortina) é uma prática que proíbe as mulheres de serem vistas por outros homens, com a exceção do esposo (Karin et al, 2020). O que não lhes permite ter acesso à ajuda humanitária, serviços, informação, mercado e educação (UNWomen & UNFPA, 2020).

Na tentativa de uma maior independência e manutenção da *pardah*, as mulheres ao saírem de casa têm que usar *hijab* (cobre o cabelo e pescoço), *niqāb* (cobre o corpo inteiro, exceto os olhos) ou *burka* (cobre o corpo inteiro) e *abaya* (manto)⁷ (Oxfam, 2020). Contudo, no contexto de um campo de refugiados/as a *pardah* é constantemente infringida devido à necessidade de sair de casa para trabalhar, realização de pequenas tarefas, usar as instalações de higiene e saneamento ou participar em pequenos ajuntamentos comunitários e religiosos (Karin et al, 2020).

Ao permanecerem nas suas habitações, as mulheres executam as suas atividades diárias dentro de um só espaço. As casas são frágeis, pouco seguras e sobrelotadas, mas ainda assim são utilizadas pelas mulheres (e a família) como cozinha, casa de banho, espaço de lazer e de estar, o que torna a qualidade do ar insalubre e exposto a doenças respiratórias, como o sarampo e tuberculose (Karin et al, 2020). Segundo o relatório *Health Survey in Kutupalong and Balukhali Refugee Settlements* da organização Médicos sem Fronteiras, em 2017 os problemas de saúde mais frequentes nos campos de Cox's Bazar eram a febre (66%), doenças respiratórias (35%) e disenteria (15%) (Guzek et al., 2017, p. 6).

⁶ No capítulo 33, versículo 32 do Corão: *Wives of the Prophet, you are not as other women [...] Remain in your houses; and display not your finery, as did the pagans of old; and perform the prayer, and pay the alms, and obey God and His Messenger [...]* (Holy Qur'an, ed.2007, pp. 553-554).

⁷ No capítulo 24, versículo 31 do Corão: *And say to the believing women, that they cast down their eyes and guard their private parts, and reveal not their adornment save such as is outward and let them cast their veils (head-coverings) over their bosoms [...]* (Holy Qur'an, ed.2007, p. 463).

A marginalização das mulheres, a violência doméstica, violação, casamento infantil e forçado, exploração sexual, poligamia, tráfico humano, assédio sexual, femicídio, a par da dependência económica, privação de educação e de oportunidades de empoderamento, tomada de decisão e liderança são comuns da comunidade (UNWomen & UNFPA, 2020).

We can't move freely like boys; we can't go outside for play, we can't go outside without the niqab.

Refugiada Rohingya, Cox's Bazar in Vigaud-Walsh, 2018, p.24

O casamento é importante na comunidade Rohingya, sendo que para as mulheres funciona como uma fuga e tentativa de alcançar segurança social e económica. Após o casamento, a mulher passa a ser responsável da família do marido. Nos campos de refugiados/as em Cox's Bazar, o casamento infantil e forçado e a monogamia têm aumentado motivados pela escassez de homens (devido à migração ou conflito) e à falta de oportunidades económicas (Ripoll et al, 2017). Um estudo da ACNUR de 2016, conclui que mais de metade das meninas que se refugiaram em Bangladesh desde 2012, casaram-se antes de completarem os 18 anos de idade (in ISCG, 2017, p.1).

Quando as meninas atingem a puberdade são, muitas das vezes, isoladas dos meninos e só têm direito a frequentar a escola e outras atividades se estas forem separadas por género. Muitas das vezes esta privação de mobilidade é defendida como uma proteção contra o assédio, violência de género e outros ataques. Ainda antes de atingirem a puberdade há uma clara divisão de género entre as crianças: enquanto que as meninas são orientadas para atividades domésticas, como lavar e limpar, os meninos realizam tarefas fora da habitação, como ir buscar água e brincar (ISCG, 2017).

As mulheres e meninas estão no grupo mais vulnerável e marginalizado, enfrentando grandes entraves ao acesso a serviços de ajuda humanitária. Desta forma, medidas de igualdade de género em resposta à crise de refugiados/as vivenciada em Cox's Bazar são não só fundamentais para mulheres, como para crianças, outros grupos marginalizados e homens, mas também para um acesso mais equitativo de assistência, serviços e informação (*ibid*).

A continuidade desta crise mostra a necessidade de agências humanitárias, governamentais e outros *stakeholders* continuarem a promover o envolvimento das mulheres Rohingya de um modo ativo e significativo na tomada de decisões nos campos de Cox's Bazar. Hoje-em-dia, algumas mulheres começam a ocupar papéis ativos e centrais, na tentativa de responder às necessidades básicas da comunidade, mostrando a sua capacidade de liderança e transformação (Oxfam, 2020).

1.5 OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: “NÃO DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS”

A 25 de setembro de 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou formalmente a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que consiste numa Declaração com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), 169 metas e 230 indicadores globais acordados a serem alcançados até 2030⁸. A Agenda 2030 oferece uma visão universal, integrada, transformadora e baseada nos direitos humanos para um desenvolvimento sustentável.

A migração é uma das características marcantes do século XXI. Contribui significativamente para todos os aspetos do desenvolvimento económico e social e, como tal, será uma das chave para alcançar os ODS (Fenton et al., 2018). A Agenda 2030 tem como princípio orientador “não deixar ninguém para trás”: a comunidade internacional estabeleceu como meta a melhoria das condições de vida dos grupos mais marginalizados, incluindo migrantes, pessoas refugiadas e apátridas (Koch, Kunt, 2020, p.1).

Segundo o ACNUR (2017), a resolução e prevenção de casos de apatridia, como a comunidade Rohingya no Myanmar, foca-se nos ODS número 5, 10, 16 e 17. A meta 5.1 é central na abordagem a questões de discriminação de género nas leis de nacionalidade, visto que em mais de 60 países, as leis de nacionalidade não conferem às mulheres os mesmos direitos de aquisição, mudança ou manutenção de nacionalidade como aos homens (UNHCR, 2017). As metas 10.c e 16.b podem impulsionar os esforços para eliminar a discriminação de género nas leis de nacionalidade, bem como os esforços para eliminar outras formas de discriminação. A discriminação com base na etnia, raça,

⁸ UN. *The 17 Goals*. Disponível em: <https://sdgs.un.org/goals> [Acesso em: março 2021]

religião, sexo ou idioma continua a ser uma causa de apatridia. Casos de negação, perda e privação da nacionalidade por motivos discriminatórios que levam à apatridia continuam a ocorrer em diversos países, como no Myanmar (*ibid*). A meta 17.18 apresenta uma oportunidade de defender a melhoria dos dados estatísticos sobre as populações apátridas nos países em desenvolvimento, uma vez que os apátridas são frequentemente ignorados pelas autoridades e podem permanecer não contabilizados nos registos administrativos nacionais, bancos de dados e censos populacionais (*ibid*). Por exemplo, os censos de 2014 em Myanmar, foram marcados pela exclusão da comunidade Rohingya (UNWomen, 2018).

A igualdade de género e o empoderamento de mulheres e meninas são centrais na Agenda 2030. O *ODS 5: Igualdade de Género* e as suas 45 metas fazem parte de uma tentativa de promover os direitos humanos das mulheres à volta do mundo⁹. Neste sentido, o desenvolvimento só será sustentável se os seus benefícios forem iguais para mulheres e homens e se os direitos das mulheres fizerem parte dos esforços para garantir que as pessoas possam viver com respeito e dignidade (UNWomen, 2018).

O empoderamento de mulheres, meninas, homens e meninos é a chave para uma transformação sustentável e equitativa da comunidade Rohingya, contudo as normas religiosas e sociais são contra a participação das mulheres nas mais diversas atividades nos campos de refugiados/as em Bangladesh (UNHCR, CARE, ActionAid, 2020). Na tentativa de promover uma melhor resposta a este problema é necessário aumentar a representação e inclusão de mulheres e grupos marginalizados nos cargos decisórios e incluir e treinar homens e adolescentes na promoção da igualdade de género (ISCG, 2020).

De acordo com o Relatório dos ODS de 2020, a pandemia da COVID-19 agravou a desigualdade e discriminação, sendo que atingiu com maior intensidade as pessoas mais vulneráveis (UN, 2020). Conflitos, insegurança, instituições fracas e acesso limitado à justiça continuam a ser ameaças ao desenvolvimento sustentável. Em 2019, o número de

⁹ UNWomen. *Equal rights. Equal contributors.* Disponível em: <https://www.undp.org/content/undp/en/home/2030-agenda-for-sustainable-development/people/gender-equality.html> [Acesso em: março 2021]

pessoas que fugiram de guerras, perseguições e conflitos ultrapassou 79,5 milhões (*ibid*). O relatório salienta o facto de que as populações mais vulneráveis e carenciadas ainda permanecem invisíveis e fora dos sistemas de acompanhamento do progresso dos ODS em diversos países (*ibid*).

2. VIVÊNCIAS DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES REFUGIADAS ROHINGYA

2.1 ESCOLHA METODOLÓGICA

O estudo ancorou-se numa abordagem qualitativa e a investigação visou fundamentalmente caracterizar as vivências de empoderamento das mulheres refugiadas Rohingya: o modo como se exprimem, materializam e são capazes de mudar o papel social das mulheres muçulmanas nesta comunidade.

Uma das características fundamentais da pesquisa qualitativa é procurar a compreensão daquilo que estuda, já que o seu foco é dirigido ao específico e individual, numa tentativa de compreender os fenómenos e interpretar cada vivência (Andrade & Holanda, 2010). Deste modo, o objetivo é compreender as vivências das pessoas pelos seus quadros de referência e narrativas sobre as vidas (Corbin & Strauss, 2008 In Tailor et al., 2016, pp.7,8). Neste estudo, a vantagem de ter feito uma análise qualitativa é que permitiu uma melhor compreensão dos fenómenos humanos e como as pessoas pensam e agem no seu dia-a-dia. Ao ouvir o que os/as entrevistados/as tinham a partilhar conseguimos obter em primeira mão – sem filtros - o conhecimento das vivências e do enquadramento no contexto que é o campo de refugiados/as (Tailor et al., 2016).

Para concretizar esta investigação recorreu-se à técnica da entrevista semiestruturada (ver guião, anexo II), na qual a investigadora dispunha de uma série de perguntas-guias, embora relativamente abertas, de forma a extrair um certo conjunto de informação específica por parte do/a entrevistado/a. O guião, apresentado no anexo II, foi elaborado tendo em conta a sensibilidade da questão do empoderamento feminino nesta comunidade. A carta de consentimento pode ser consultada no anexo I. No anexo III consta a listagem dos/as entrevistados/as. No anexo IV é possível encontrar citações consideradas relevantes para esta pesquisa.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a entrevista faz com que quem investiga seja capaz de desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam os fenômenos que vivenciam. Neste sentido, a investigadora teve como principal foco explorar as experiências vividas e o sentido que o mundo envolvente tem para as mulheres Rohingya. Logo, as perguntas efetuadas foram definidas tendo como base o objetivo principal da investigação.

As entrevistas foram feitas através de videochamadas e chamadas telefônicas. Os/As entrevistados/as foram previamente avisados que haveria a possibilidade de serem gravados (cinco pessoas não permitiram a gravação), a sua identidade não iria ser revelada e os dados obtidos através das entrevistas seriam exclusivamente utilizados para esta pesquisa. Conseqüentemente, foram atribuídas letras – A, B, C, D, E, F, G, H, I, J – de forma aleatória aos/às dez entrevistados/as das mais diversas demografias.

Inicialmente, o objetivo seria entrevistar em pessoa mulheres refugiadas Rohingya ou trabalhadores humanitários nos campos de refugiados/as em Bangladesh, contudo as restrições da pandemia da Covid-19 não o permitiram. Além disso, mesmo à distância, por questões religiosas, culturais e linguísticas, as entrevistas diretas a mulheres Rohingya foram impossibilitadas.

Não obstante, a amostra foi selecionada intencionalmente e sem obedecer a qualquer critério de representatividade, sendo esse o objetivo. Ficando definida após pesquisas em plataformas *online*. Pela falta de resposta de várias pessoas contactadas inicialmente, optou-se por utilizar o método bola de neve através de um contato feito anteriormente por parte da investigadora a um membro representativo da OIM. O método bola de neve é adequado em pesquisas com focos de estudo mais sensíveis, como o caso do empoderamento feminino numa comunidade muçulmana (Biernacki & Waldorf, 1981, p.141).

Após a transcrição e análise da informação partilhada nas entrevistas, foi possível identificar três blocos: (1) histórias de empoderamento e resiliência nos campos de refugiados/as; (2) obstáculos e desafios; e (3) recomendações e perspectivas.

2.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

2.2.1 HISTÓRIAS DE EMPODERAMENTO E RESILIÊNCIA NOS CAMPOS DE REFUGIADOS/AS

Por habitarem uma sociedade patriarcal e muito reservada, as histórias individuais de mulheres que se destacam pelo seu empoderamento e resiliência são ainda difíceis de encontrar. Muitos/as dos/as entrevistados/as mencionaram histórias das mesmas mulheres e a grande importância que estas têm dentro da comunidade Rohingya. Deste modo, as histórias foram-se construindo ao longo das entrevistas, visto que nem todos/as os/as entrevistados/as tinham a informação completa. A entrevistada H mencionou que estas histórias tendem a crescer, mas como até então são poucas:

We ended up eroding women and their stories, it reaches a point that even they don't want to share their experiences anymore.

Mesmo assim, ao longo das entrevistas foi possível destacar uma série de histórias de empoderamento e de como é que estas mulheres, através de uma permanente resiliência, conseguiram alcançar feitos nunca antes conseguidos no contexto destes campos de refugiados/as.

Por exemplo, durante as entrevistas foram mencionadas iniciativas como os *Women and Girls Safe Spaces*, *Women-Friendly Spaces*, *Women's Committee*, *Rohingya Cultural Memory Centre*, entre outras. Nestes espaços, as vivências de empoderamento começam a aumentar à medida que as mulheres se encontram, desabafam, trabalham e partilham sabedoria. Muitas mulheres começaram a realizar pequenos trabalhos dentro destas organizações, embora o Governo do Bangladesh não o permita. É-lhes dada formação, apoio, trabalho e uma contribuição monetária (*cash-for-work*). Quando o projeto termina, as mulheres levam para a casa o *know-how* e todo o material que precisam para continuar a trabalhar, tendo capacidade de construir o seu próprio negócio de forma independente.

Os *Women-Friendly Spaces* e os *Women and Girls Safe Spaces* são usados para diversas atividades empoderadoras, como ações de consciencialização, aconselhamento, apoio psicológico e atividades lúdicas em temáticas como violência de género, saúde, planeamento familiar, direitos legais, cuidado infantil, entre outras. Os/As entrevistados/as descreveram os *Women and Girls Safe Space* como local de

aprendizagem, reunião, partilha e companheirismo. No período deste estudo, existiam três instalações espalhadas pelos diversos campos de refugiados/as. Foi descrito pela entrevistada J que através das iniciativas concebidas por estes espaços, cerca de 6500 pessoas - incluindo homens e meninos - já participaram em ações de consciencialização sobre a prevenção de violência de género, aproximadamente 2500 mulheres e meninas receberam material higiénico, e 350 mulheres e meninas participaram em programas de voluntariado.

One of the close to 260,000 women and girls who have been assisted by Women and Girls Safe Spaces started to regularly attend tailoring classes and now produces and sells clothing for refugees and other community members, which helps her support her entire family. In addition, she also frequents awareness courses on gender violence, cleaning and on Covid19, computer courses, etc. .

Entrevistada J

Já a entrevistada I referiu que devido à chegada da pandemia Covid-19, o Governo do Bangladesh encerrou todos os estabelecimentos nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar. Abriu exceção aos *Women and Girls Safe Spaces* pois passaram também a ser locais de formação e sensibilização no que concerne à pandemia, incluindo as *Community Health Workers* que são um grupo constituído por mulheres que leva a informação de casa em casa sobre o vírus e entrega material de higiene e proteção.

O *Rohingya Cultural Memory Centre* é um espaço que por sua vez exalta a história da comunidade Rohingya através de artefactos culturais, obras de arte, poemas, entre outros. Através desta iniciativa foram criados espaços onde diversos artesãos e artesãs se encontram e partilham vivências dos seus antepassados e as suas heranças culturais. Ao entrevistar membros desta organização foi destacado que há, por exemplo, inúmeras mulheres empoderadas dentro dos grupos de bordado, sendo estas capazes de criar um rendimento e suportar os encargos familiares.

Neste âmbito, os/as entrevistados/as A, B, C, F e G destacaram a história concreta de uma jovem refugiada poetiza Rohingya. Vinda de um ambiente familiar citadino e menos religioso, completou o Ensino Secundário ainda no Myanmar – algo raro para uma mulher

Rohingya. Quando chegou ao campo de refugiados/as em Cox's Bazar era uma das únicas mulheres instruídas. Seguiu o seu desejo de ser poetiza e fotógrafa e, hoje em dia, é agente cultural do *Rohingya Cultural Memory Centre* e ativista feminista. Por querer participar na agenda cultural dos campos de refugiados/as, frequenta o círculo de poetas, normalmente frequentado apenas por homens. Escreve os seus poemas em Rohingya, Birmanês e Inglês.

Uma outra história partilhada pela entrevistada B e entrevistado G foi a da comunidade das mulheres viúvas do campo de refugiados/as de Kutupalong em Cox's Bazar: um grupo com aproximadamente 230 mulheres e crianças que encontraram refúgio neste campo de refugiados/as, depois de muitas ficarem viúvas ou órfãs devido ao genocídio. O bairro é liderado por este grupo, onde embora haja um *Imam*, as mulheres encontram-se em espaços de convívio e partilham ideias e possíveis melhorias para a comunidade. Uniram-se para combater a violência sexual contra as mulheres, implementaram regras de higiene nas latrinas comunitárias e incutiram alterações em arranjos matrimoniais.

Uma vivência de empoderamento aqui bem complementar, foi mencionada pelos/as entrevistados/as D, F e G: a de uma mulher que, só após ficar viúva e independente, seguiu o seu sonho de aprender a arte musical. Com a sua crescente vontade de cantar e tocar um instrumento musical tradicional, tornou-se a primeira mulher da comunidade Rohingya no Bangladesh a formar a sua própria banda. Trabalhou na construção dos campos para conseguir comprar o seu primeiro instrumento musical, uma harmónica. Os/As entrevistados/as descrevem-na como ativa na comunidade e defensora da música como uma forma de terapia pós-traumática.

Outra história relatada pela entrevistada I foi a de uma viúva, mãe e chefe de família. Nasceu numa família mais influente no Myanmar, com habilitações escolares e tornou-se uma experiente parteira. Ficou conhecida na comunidade onde reside pela sua resiliência e capacidade de tomar decisões ou fazer com que estas fossem tomadas. Atualmente participa em projetos relacionados com cuidados básicos de saúde e saúde materno-infantil, como também é líder de um grupo de mulheres.

Destaca-se igualmente dentro das histórias de empoderamento feminino, a referida pelas entrevistadas E e J: um grupo de aproximadamente 400 mulheres Rohingya que se uniu para combater a iliteracia, aumentando as ações de consciencialização e promovendo

atividades lúdicas. Problemáticas como violência de gênero, educação, planejamento familiar e saúde materno-infantil fazem parte da agenda diária deste grupo.

Com apenas 15 anos de idade, uma refugiada ao chegar a Cox's Bazar sentiu que o seu dever seria apoiar as vítimas do genocídio. Descrita pelas entrevistadas A e H, inicialmente a jovem não sabia ler ou escrever, mas com a participação em projetos de literacia e outras formações aumentou o seu conhecimento. Atualmente é voluntária na departamento de apoio psicológico na OIM. Na sua atividade faz visitas ao domicílio, sessões de sensibilização e outras atividades recreativas. Advoga a importância da saúde mental, principalmente no que concerne ao estresse pós-traumático e à ansiedade.

Considerando agora casos ainda mais raros na comunidade Rohingya: uma mulher a trabalhar como *chef* num restaurante, um trabalho mais exposto à comunidade. A entrevistada D e entrevistado G partilharam a história de uma mulher descrita como uma excelente chef e, nos campos de refugiados/as, cozinha para eventos fúnebres e casamentos. Por ter iniciado a sua carreira muito cedo para ajudar a família, a comunidade admira-a pela sua resiliência.

Um dos outros labores que na comunidade Rohingya é dedicado aos homens é a alfaiataria. Todavia, as entrevistadas B e E falaram de uma costureira em particular, com uma história. Uma mulher que sofreu com as perseguições do Exército do Myanmar, perdeu a sua família e foi violada. Contudo, isto tornou-a resiliente e empoderada, e com vontade de mudar a sua vida aprendeu a costurar, atualmente produz roupa para a comunidade.

Outro caso raro: as entrevistadas B e F mencionaram que algumas mulheres também trabalham na construção civil. São, na grande maioria, viúvas e mães solteiras que realizam trabalhos na construção dos campos, estradas e tendas de bambo.

Em termos de posições de chefia, os/as entrevistados/as G e J partilharam a história de uma mulher *mahji* nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar. Mencionaram que esta era muito envergonhada quando vivia em Myanmar, mas com a mudança para os campos de refugiados/as: *decided not to hide anymore, and speak out for those who can't*.

Tornou-se a primeira mulher a representar a comunidade onde reside. Um dos seus deveres é procurar soluções para os problemas identificados pela comunidade. Fez com

que fossem instalados mais postes de iluminação nas ruas, para que as mulheres conseguissem usar as latrinas comunitárias à noite. Implementou uma série de iniciativas para a prevenção de deslizamentos de terra e inundações. Sublinha-se que durante as entrevistas foi mencionado que devido ao permanente envolvimento da comunidade Rohingya em programas internacionais, passaram a existir mais mulheres em cargos decisórios: cerca de 5% dos *mahjis* são mulheres. A par destas, as esposas dos *mahjis* homens desempenham um papel muito importante – embora não sejam nomeadas pela comunidade – e representam a comunidade feminina.

Rohingya women and girls are not merely victims, they play a key role in increasing the resilience of families and communities.

Para a entrevistada D as mulheres e meninas Rohingya são centrais na crescente resiliência da comunidade. Este ponto de viragem deve-se ao facto das estruturas familiares terem mudado e as mulheres passarem a trabalhar, o que vai moldando o papel do género na comunidade Rohingya. Nas entrevistas foram mencionadas algumas mulheres líderes comunitárias Rohingya, que se organizam e formaram grupos nos campos de refugiados/as de modo a proteger os seus direitos e exigir justiça em caso de violência de género.

A importância destas mulheres na comunidade é fundamental e são um modelo para as novas gerações. As mulheres Rohingya têm desempenhado um papel central na evolução da mentalidade dentro desta sociedade patriarcal. Ao tornarem-se líderes comunitárias, trabalhadoras e voluntárias em serviços centrais para o campo de refugiados/as, ficam mais expostas e mostram a sua capacidade de participarem ativa e positivamente na sociedade. Pouco a pouco, o papel das mulheres na comunidade Rohingya começa a ganhar mais importância. Contudo, durante as entrevistas foi unânime a ideia de que ainda há um longo caminho a percorrer.

2.2.2 OBSTÁCULOS E DESAFIOS

À medida que as entrevistas foram sendo desenvolvidas ficou claro que o enquadramento normativo que governa a vida da comunidade Rohingya e as suas normas socioculturais afetam desigualmente mulheres e meninas comparativamente aos dos

homens e meninos: ao eliminar a sua mobilidade, ao retirar-lhes o poder de decisão acerca das suas vidas e ao ignorar as suas necessidades e pedidos.

Muitos/as dos/as entrevistados/as reconheceram os mesmos obstáculos e desafios na promoção da emancipação das mulheres Rohingya: religião, cultura, sociedade patriarcal, falta de acesso a serviços básicos como educação e saúde, o casamento infantil, entre outros.

Ao longo das dez entrevistas foi possível identificar que os maiores obstáculos à emancipação das mulheres são as crenças e práticas culturais e religiosas. Segundo a entrevistada H, a *pardah* – prática religiosa onde as mulheres ficam confinadas em casa a partir da primeira menstruação – limita o acesso de mulheres e meninas aos serviços humanitários, informação, mercados e educação.

Adicionalmente, a entrevistada I indicou o conceito de *izzot* (honra) como uma das maiores entraves ao empoderamento das mulheres Rohingya:

The understanding of izzot is complicated. This implicates that a woman's honour is under a constant surveillance – like family, neighbors and community - and even has like an evaluation process in which a woman has to follow certain rules and traditional values to be considered as a model.

A entrevistada D indicou que um dos paradigmas do conceito de *izzot* é a qualidade da mulher conceber filhos/as:

One of their primary roles is to have as many children as possible. And they also see themselves as mothers. They see their value that way. So, even though there are some additional ways of viewing their self-worth, most of them see their way of value as mothers.

Os métodos contraceptivos não são bem vistos na comunidade Rohingya, visto que a mulher tem que – imperiosamente – ser mãe, caso contrário mancha a honra da família e do esposo. Contudo, segundo a entrevistada C:

The children are an obstacle. They are giving birth every 9 months. They are weak. There isn't enough food for them. They are undernourished.

Um desafio adicional apresentado pelos/as entrevistados/as foi o casamento infantil. Segundo a entrevistada D:

There is still the expectation that they are going to get married at their teenagerhood. It's pretty unusual Rohingya women above 16-18 years old to be unmarried.

O casamento infantil é bastante comum na comunidade Rohingya. As crianças são vistas como um auxílio nas tarefas domésticas e mais tarde as meninas são comutadas por dotes. Para uma família que tem uma ou mais filhas, quando estas atingem a puberdade e caso a família for mais necessitada, os pais tentam encontrar o parceiro que dê a maior proposta. De modo a diminuir o número de casamentos, as organizações canalizam os seus esforços para expor à comunidade as repercussões que esta prática tem para a vida das crianças. Segundo a entrevistada H:

Many of the religious leaders agreed to reduce child marriages. Later, we found out that on Friday and Saturday – days when NGOs were closed and humanitarian workers were off duty – dozens of weddings were taking place.

Sublinha-se igualmente que as normas sociais, escassez de segurança, falta de espaços escolares apropriados para meninas e baixa qualidade do ensino foram destacados como alguns dos motivos para a falta de escolarização da comunidade feminina Rohingya. De acordo com a entrevistada E:

The educational programs are really limited. Above age 12 or 13, the aid organizations stop providing education. Even for families that want to send their girls to school, there aren't opportunities.

O entrevistado G rematou:

The lack of education is a serious obstacle for Rohingya women's empowerment. They can't go to school, they are locked at home. When

they can, they don't have access to the Bangladeshi curriculum. There are no teachers. What do you study?.

Outro obstáculo é que os homens continuam a tomar as decisões mais importantes dentro dos campos de refugiados/as em Cox's Bazar, sendo que as mulheres continuam afastadas. A entrevistada F mencionou que

[Women] want to participate but they are being left out of community decision-making processes.

Em alguns campos as mulheres já começam a ocupar lugares de decisão e cargos de chefia, todavia a pressão da comunidade é enorme, segundo a entrevistada H:

These women [leaders] are targeted and face harassment because of their position and power, a woman can't have that power.

Contudo, ao contrário do que ocorria no Myanmar, onde os homens Rohingya trabalhavam ativamente na agricultura, pecuária e pesca, nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar são as mulheres que encontram mais oportunidades de trabalho nas organizações humanitárias. No entanto, os cônjuges de mulheres ativas são alvos de uma enorme pressão social, onde a sua virilidade encontra-se criticada pela comunidade, o que leva, muitas das vezes, à violência doméstica. Segundo a entrevistada B:

Domestic violence against women is very present in the Rohingya camps. Drug abuse, stress, frustration, and women end up being the weakest targets.

E, devido à sub-representatividade das mulheres Rohingya nos órgãos com mais poder:

When there are cases of domestic violence, there is not much to be done. The law does not protect women and they even hide with dishonor they feel (entrevistada H).

As condições gerais dos campos de refugiados/as também foram apontadas como um dos principais impedimentos ao empoderamento das mulheres Rohingya. De acordo com a entrevistada A:

They are in a refugee camp, where they can't get a legal status in Bangladesh and can't go to a normal school or university, can't get a job.

Já a entrevistada H abordou a falta de condições físicas dos campos de refugiados/as, onde as mulheres e meninas encontram-se numa posição ainda mais vulnerável:

The refugee camps in Cox's Bazar are in the middle of the jungle, in a place full of wild animals, landslides, floods due to the monsoons. The women are very unprotected, they are at home without knowing that an elephant is coming or landslides is next to their houses.

Com a chegada da pandemia da Covid19, as condições dos campos de refugiados/as de Cox's Bazar deterioraram. Os/as entrevistados/as identificaram a chegada do vírus aos campos como um desastre para os pequenos passos dados no empoderamento da comunidade feminina Rohingya. De acordo com a entrevistada A:

The lockdown measures intensified the strict gender norms with massive consequences for women and girls, for the men this was in harmony with purdah.

Foi unânime a ideia que não só a violência de género aumentará, como também o abuso de menores e a exploração e abuso sexual. Mais, as mulheres que até então conseguiam uma retribuição pelas suas horas de trabalho, deixaram de o fazer. E, as que conseguiam trabalhar, encontravam-se expostas e mal protegidas contra o vírus, como a entrevistada H mencionou:

The frontline workers are all women, for example the health volunteers and the volunteers working in awareness raising against Covid19, they are very exposed.

Muitos/as dos/as entrevistados/as reconheceram que a grande maioria dos obstáculos e desafios que apresentaram vão acabar por ser ultrapassados. Acreditam que esta comunidade irá envolver-se cada vez mais ativamente nos programas de consciencialização, assimilando que a violência de género e a sub-representatividade feminina não é apenas um problema para mulheres, mas para toda a comunidade.

2.2.3 RECOMENDAÇÕES E PERSPETIVAS

O empoderamento de mais mulheres Rohingya nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar é um objetivo possível de alcançar. Foi questionado aos/às entrevistados/as qual seria a melhoria chave para o desenvolvimento e efetividade de políticas de empoderamento feminino – a resposta foi unânime: educação.

Para a entrevistada D, a educação é a porta/caminho para o progresso:

Rohingya women are more than 50% of the community. That's the potential of more than half of their residents. In order to create a successful future for the Rohingya people, woman have to be included in education programs.

Seguindo esta ideia, a escola tem que ser um espaço seguro para as meninas e conseqüentemente as organizações têm que considerar as práticas e crenças da comunidade Rohingya na construção dos espaços educativos:

Girls who reach sexual maturity can't be in the same room as boys. We [organizations] have to respect that in order to have more teen girls in schools and teach them – boys too – about sexual and menstrual education and gender-based violence (entrevistada C).

Caso mais meninas e mulheres frequentassem o sistema de ensino – mesmo que informal – haveria mais espaço para uma progresso cultural e religioso, como a entrevistada C afirmou:

Women become empowered when they have opportunities and when they have education, then they will realize that the 'everything' is possible.

Outra recomendação manifestada mais frequentemente foi a da inclusão das mulheres em posições de chefia e tomada de decisões. De acordo com a entrevistada F:

If [women] did participate more actively in the decision making process, they would advocate for the benefit of everybody, making sure people have what they need for their mental and physical wellbeing.

Há necessidade de incluir mais mulheres e homens juntos nos processos de decisão acerca dos campos de refugiados/as e, assim, contribuir para a transformação das relações de poder baseadas no género. Neste sentido, é aconselhado realizar sessões de consciencialização acerca de igualdade de género e direitos das mulheres, quer para mulheres, homens e adolescentes como para líderes comunitários (*mahjis* e *Imams*), segundo a entrevistada E:

Work with formal and informal leaders and the rest of the community is mandatory to have/achieve a safe and well-adjusted space for women and everyone.

Ainda neste âmbito, a inexistência de oportunidades educacionais e laborais para os homens é uma realidade que também se tem de ter em perspetiva. Os homens têm maior dificuldade em encontrar trabalho e, muitas das vezes, não frequentam os sistemas de ensino. A entrevistada D destacou a ideia que os homens sentem-se inúteis para a comunidade:

Sometimes men fall into violence, crime, drug taking, abuse their wives, because they are unhappy and depressed for staying at home doing nothing. They don't have good mental health actions.

A entrevistada realçou a ideia de que para estes homens não é normal as mulheres trabalharem enquanto eles permanecem em casa. A entrevistada B sublinhou:

I see the backlash with the things that are happening now. The artificial environment... And the things may be changing too fast for the people who have historically live in a non-empowered society.

Logo, de acordo com a entrevistada H é essencial criar e incluir homens em sessões de sensibilização sobre a violência de género e doméstica; se não existir esta inclusão o combate à violência será dificultado:

There is a need to include husbands, fathers-in-law, children and siblings. More programs targeting teenagers would be very important too, their mentality is being shaped.

Todavia, segundo a entrevistada J, as mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho dos campos de refugiados/as, o que mostra a evolução das normas dentro da comunidade:

We call this economical empowerment. When men see women can earn money, they thing different towards them. When they see the change they might reevaluate their values.

Adicionalmente, o entrevistado G destacou a importância da antropologia, para um melhor entendimento do ser humano, comunidade e todas as suas dimensões:

In the camps there is an overload of UN and NGOs projects to bring support to the refugees. But I never find anthropologists, to really understand the cultural and power structure. To be cultural appropriate.

Para o entrevistado estes projetos teriam um melhor aproveitamento caso fossem especificamente desenhados para este contexto, pois sem esta conjunção a comunidade sentir-se-á obrigada a implementar normas ocidentais e sem nexos. O entrevistado rematou:

In some nutrition projects, the NGOs don't consider Rohingya diet. Traditionally, they don't eat potatoes, but they bring potatoes. Instead they eat corn, and they don't bring corn.

Por fim, a divulgação de informação é essencial para a desconstrução do papel tradicional das mulheres na comunidade Rohingya. O/A entrevistado/a I indicou que os programas de rádio são uma via excepcional na partilha de histórias e conhecimentos de mulheres para mulheres, pois conseguem chegar facilmente a todas as habitações e espaços de convívio.

O empoderamento das mulheres na comunidade muçulmana Rohingya no Bangladesh é alcançável a longo prazo: algumas mulheres Rohingya já se encontram a desempenhar um papel central no desenvolvimento da comunidade. A educação e a criação de mais oportunidades participativas para mulheres e minorias tornam-se pilares de um futuro mais inclusivo. Igualmente central neste processo é o envolvimento de homens e meninos em sessões de consciencialização, criadas de forma a promover um sistema de transição para uma comunidade mais igualitária.

CONCLUSÃO

Com esta investigação pretendeu-se evidenciar a importância da emancipação das mulheres muçulmanas Rohingya dentro dos campos de refugiados/as de Cox's Bazar, numa comunidade onde as normas culturais e religiosas limitam o seu acesso a e participação nas atividades diárias. Segundo a UN Women (2017), a crise de refugiados/as Rohingya afeta desproporcionalmente mulheres, meninas e pessoas com deficiências e vulneráveis, ao reforçar, perpetuar e exacerbar as desigualdades de género, violência de género e discriminação, pré-existentes nesta comunidade.

A igualdade de género e o empoderamento de todas as mulheres e meninas não é apenas uma meta explícita da Agenda 2030, mas também um impulsionador do desenvolvimento sustentável em todas as suas dimensões: desde o fim da pobreza e da fome à promoção da prosperidade e crescimento inclusivo, construção pacífica, justa e inclusiva de sociedades para garantir a proteção do planeta e seus recursos naturais (UN Women, 2018, p. 72).

Através desta investigação foi perceptível que a restrição à mobilidade das mulheres Rohingya limita o seu acesso a assistência, serviços e informação. Esta situação tende a piorar num ambiente político precário com escassez de oportunidades e falta de apoio por parte dos órgãos diretivos dos campos de refugiados/as, fazendo com que a sua vulnerabilidade aumente (Akhter & Kusakabe, 2014, p.225). O conhecimento e as aptidões de mulheres e meninas são recursos ainda por explorar.

No decorrer das entrevistas foi possível clarificar que por muitos obstáculos e desafios ao empoderamento das mulheres Rohingya dos campos de refugiados/as em Cox's Bazar, a persistência e a resiliência por detrás destas mulheres poderão contribuir para transformar o enquadramento normativo e social desta comunidade. Esta mudança de paradigma social e religioso na comunidade Rohingya é possível, mas precisa é de uma estrutura firme, inclusiva e segura de modo a encontrar uma forma mais eficaz e resiliente a longo prazo. A possibilidade das mulheres terem uma maior representação em papéis de tomada de decisão poderá trazer soluções mais responsivas e sustentáveis; será fulcral ouvir e respeitar as suas opiniões, de modo a construir projetos que respeitem as suas normas culturais.

Cabe ressaltar que em alguns campos de refugiados/as de Cox's Bazar, as mulheres começam a desempenhar funções renumeradas, trabalhos à margem da formalidade (recolha de lenha, água, entre outros), participações em projetos de ONG (voluntárias na área da saúde, higiene, educação entre outros), a serem representantes em reuniões e comités comunitários, entre outros (UNHCR, 2020). Deste modo, ganham um papel mais ativo na tomada de decisões, ocupam posições de chefia e assim tornam-se económica e socialmente mais independentes (ibid.).

Neste seguimento, sublinha-se que a maioria dos/as entrevistados/as mencionou a necessidade de envolver os homens e jovens do sexo masculino em projetos de consciencialização sobre violência de género, casamento infantil e a importância do empoderamento feminino para a comunidade, fazendo com que estes sejam capazes de verem suas contrapartes femininas como iguais. O envolvimento ativo dos homens no empoderamento das mulheres é um aspeto vital na criação de um empoderamento duradouro e sustentável, sem criar uma reação negativa contra as mulheres. Sendo este um longo processo, é preciso envolver os líderes comunitários e religiosos nestas ações de modo a despertar o interesse de toda a comunidade.

Diante do exposto, foi possível constatar que o campo de refugiados/as é emancipador do papel das mulheres Rohingya nesta comunidade muçulmana: *We are witnessing the change: body language, more powerful and vocal* (Entrevistada D). Não só por estarem mais expostas a diferentes realidades e em contacto com os trabalhadores humanitários e organizações internacionais, como também pela permanente resiliência e capacidade destas mulheres de se adaptarem às condições que têm nos campos de refugiados/as. Neste ambiente, o simples facto de saírem de casa, trabalharem e envolverem-se na comunidade já demonstra um grande nível de emancipação. O futuro não é uma realidade distante. É fundamental que as organizações presentes nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar atendam aos pedidos a um nível micro, para assim chegar a um maior número de mulheres e criar impactos macro para todos

BIBLIOGRAFIA

Abdelkader, E. (2014, March 5). *Myanmar's Democracy Struggle: The Impact of Communal Violence Upon Rohingya Women and Youth*. Pacific Rim Law & Policy Journal, Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2404956>

Ahmed, K. (2020). *For Rohingya refugees, patchwork justice leaves crimes unpunished*. The New Humanitarian. Disponível em: <https://www.thenewhumanitarian.org/news/2020/09/17/Bangladesh-Rohingya-justice-system-crimes>

Ahmed, M. (2020, April). *Preventing disaster: COVID-19 and the Rohingya in Bangladesh*. South Asia, LSE

Akhter, S., Kusakabe, K. (2014). *Gender-based Violence among Documented Rohingya Refugees in Bangladesh*. Indian Journal of Gender Studies, 21(2), 225–246. <https://doi.org/10.1177/0971521514525088>

Ullah, A. (2011). *Rohingya Refugees to Bangladesh: Historical Exclusions and Contemporary Marginalization*, Journal of Immigrant & Refugee Studies, 9:2, pp. 139-161, DOI: 10.1080/15562948.2011.567149

Alexander, A., Welzel, C. (2011). *Empowering Women: The Role of Emancipative Values*. European Sociological Review. 27. 364-384.

Andrade, C., Holanda, A. (2010). *Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica*. Estudos de Psicologia (Campinas) [online].v. 27, n. 2, pp. 259-268. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>. ISSN 1982-0275.

BBC. (2017). *Rohingya crisis: Are Suu Kyi's Rohingya claims correct?* Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-41312931> [Acesso em: fevereiro de 2021]

BBC. (2020). *Myanmar Rohingya: What you need to know about the crisis*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-41566561> [Acesso em: fevereiro de 2021]

BBC. (2020). *Myanmar Rohingya: What you need to know about the crisis*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-41566561> [Acesso em: fevereiro de 2021]

BBC. (2020). *Rohingya crisis: Growing up in the world's largest refugee camp*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/av/world-asia-53941980> [Acesso em: março de 2021]

BBC. (2021). *Aung San Suu Kyi: Myanmar democracy icon who fell from grace*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-11685977> [Acesso em: fevereiro de 2021]

Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). *Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling*. *Sociological Methods & Research*, 10(2), pp. 141–163. <https://doi.org/10.1177/004912418101000205>

Bhatia, A., Mahmud, A., Fuller, A., Shin, R., Rahman, A., Shatil, T., Sultana, M., Morshed, K., Leaning, J., & Balsari, S. (2018). *The Rohingya in Cox's Bazar: When the Stateless Seek Refuge*. *Health and human rights*, 20(2), pp. 105–122.

Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Casimiro, L.; Costa, A. (2018. Setembro, Outubro). *The urban integration of refugee migrants in the light of the justice of Amartya Sen*. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, v. 9, n. 3, pp. 96-118. doi: 10.7213/rev.dir.econ.soc.v9i3.23806.

Farrington, M. (2019). *Social and feminist design in emergency contexts: the Women's Social Architecture Project, Cox's Bazar, Bangladesh*, *Gender & Development*, 27:2, 295-315, DOI: 10.1080/13552074.2019.1626593

Fenton W., Wake C., Foley, M. (2018) *Rohingya refugees in Bangladesh: the humanitarian response*. Overseas Development Institute, London, 2018 Number 73 ISSN: 1472-4847 Disponível em https://odihpn.org/wp-content/uploads/2018/10/HE-73_web.pdf

Fukuda-Parr S., et al. (2003). *Readings in Human Development*. New Delhi and New York: Oxford University Press.

Guzek, J., Siddiqui, R., White, K., Leeuwen C., Onus, R. (2017) *Health Survey in Kutupalong and Balukhali Refugee Settlements, Cox's Bazar, Bangladesh*. *Medecins Sans Frontieres*. Disponível em: https://www.msf.org/sites/msf.org/files/coxsbazar_healthsurveyreport_dec2017_final1.pdf

Holy Qur'an. (Arberry A. Trans.). (2007). Ansariyan Publications.

Inglehart, R., & Norris, P. (2003). *The True Clash of Civilizations*. Foreign Policy, (135), pp. 63-70. doi:10.2307/3183594

Interagency Working Group on Reproductive Health in Crisis (IAWG). (2018, February 22). *Women and Girls Critically Underserved in the Rohingya Humanitarian Response*. Disponível em: <https://cdn.iawg.rygn.io/documents/IAWG-Statement-on-Rohingya-Humanitarian-Response.pdf?mtime=20200206235428&focal=none>

Inter-Sector Coordination Group (ISCG). (2017, December). *Gender Profile no. 1 for Rohingya Refugee Crisis Response—Cox's Bazar, Bangladesh*. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/bangladesh/gender-profile-1-rohingya-refugee-crisis-response-cox-s-bazar-bangladesh-3>

Inter-Sector Coordination Group (ISCG). (2018, March-December). *JRP for Rohingya Humanitarian Crisis*. Inter Sector Coordination Group. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/bangladesh/jrp-rohingya-humanitarian-crisis-march-december-2018-0>

Inter-Sector Coordination Group (ISCG). (2020, March). *Gender profile no. 2 for Rohingya refugee crisis response – Cox's Bazar, Bangladesh*. Inter Sector Coordination Group. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/bangladesh/gender-profile-no-2-rohingya-refugee-crisisresponse-cox-s-bazar-bangladesh-march>

IOM. (2017). *World Migration Report 2018*, IOM: Geneva Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2018>

Kabeer N. (2005). *Gender equality and women's empowerment: A critical analysis of the third millennium development goal 1*, Gender & Development, 13:1, pp. 13-24, DOI: 10.1080/13552070512331332273

Karin, S., Chowdhury, Md.A., Hasnat, Md.A. And Tarin, N.J. (2020). *Status of Rohingya in Refugee Camps of Bangladesh: A Review Study*. Open Access Library Journal, 7: e6575. <https://doi.org/10.4236/oalib.1106575>

Koch, A., Kuhnt, J. (2020). *Migration and the 2030 Agenda: Making Everyone Count Migrants and Refugees in the Sustainable Development Goals*. Dtiftung Wissenschaft und Politik German Development Institute. DOI:10.23661/bp11.2020 Disponível em: https://www.die-gdi.de/uploads/media/BP_11.2020.pdf

Nelson, E.L., Saade, D.R. & Gregg Greenough, P. (2020). *Gender-based vulnerability: combining Pareto ranking and spatial statistics to model gender-based*

vulnerability in Rohingya refugee settlements in Bangladesh. Int J Health Geogr 19, 20. <https://doi.org/10.1186/s12942-020-00215-3>

Opu, Mahmud. (2020). *Rohingya refugees: From crowded camps to isolated island*. Al Jazeera Disponível em: <https://www.aljazeera.com/gallery/2020/12/31/in-pictures-rohingya-refugees-sent-to-remote-bangladeshi-island> [Acesso em: fevereiro de 2021]

Oxfam. (2018, September). *One Year On: Time to put women and girls at the heart of the Rohingya Response*. Oxfam International

Oxfam. (2020). *Voices Rising: Rohingya Women's Priorities and Leadership in Myanmar and Bangladesh*, United Kingdom, DOI 10.21201/2020.5785

Pereznieto, P. & Taylor, G. . (2014). *A review of approaches and methods to measure economic empowerment of women and girls*, Gender & Development, 22:2, pp. 233-251

Perrons D. (2015). *Gendering the inequality debate*, Gender & Development, 23:2, pp. 207-222, DOI: 10.1080/13552074.2015.1053217

Ripoll et al. (2017). *Social and cultural factors shaping health and nutrition, wellbeing and Rohingya within a humanitarian context*. Social Science in Humanitarian Action

Robeyns, I. (2003). *Sen's capability approach and gender inequality: selecting relevant capabilities*, Feminist Economics, 9 (2-3), pp. 61-92.

Sen A. (1992). *Inequality Reexamined*. Oxford: Clarendon Press.

Sen A. (1999). *Development as Freedom*. New York: Alfred Knopf.

Sen, A. (2009). *The Idea of Justice*. Belknap Press Harvard University Press.

Sen, A. (2014. November 7). *The threat to Burma's minorities*. Harvard University. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ugHhAwARb98> [Acesso em: março de 2021]

Shaw, S. A., Peacock, L., Ali, L. M., Pillai, V., & Husain, A. (2019). *Religious Coping and Challenges Among Displaced Muslim Female Refugees*. Affilia, 34(4), pp. 518–534. <https://doi.org/10.1177/0886109919866158>

Sullivan D. (2020). *A voice in their future: The need to empower Rohingya refugees in Bangladesh*, Refugees International. Disponível em:

<https://www.refugeesinternational.org/reports/2020/2/5/a-voice-in-their-future-the-need-to-empower-rohingya-refugees-in-bangladesh>

Swazo, N.K., Haque, S.T.M., Haque, M.M., & Nower, T. (2020). *The Rohingya Crisis: A Moral, Ethnographic, and Policy Assessment* (1st ed.). Routledge India. <https://doi.org/10.4324/9780429324109>

Taylor, S., Bogdan, R., & DeVault, M. (2016). *Introduction to Qualitative Research Methods* (Fourth Edition). Wiley.

The Daily Star. (2019). *Crimes in the Rohingya camps*. Disponível em: <https://www.thedailystar.net/editorial/news/crimes-the-rohingya-camps-1722538>

[Acesso em: fevereiro de 2021]

Tinker, I. & Zuckerman, E., *Women's economic roles and the development paradigm*, In Currie, Adler, B.; Kanbur, R.; Malone, D.M.; Medhora, R. (Eds). (2014). *International Development Ideas, Experience and Prospects*, Oxford, Oxford University Press, pp: 116-132

UNWomen. (2018). *Turning Promises Into Action: Gender Equality In The 2030 Agenda For Sustainable Development* ISBN: 978-1-63214-108-8 Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2018/02/SDG-report-Gender-equality-in-the-2030-Agenda-for-Sustainable-Development-2018-en.pdf> UN Women

UN. (2020). *The Sustainable Development Goals Report 2020* ISBN: 978-92-1-101425-9 Disponível em: <https://unstats.un.org/sdgs/report/2020/The-Sustainable-Development-Goals-Report-2020.pdf>

UNHCR. (2017, March). *The Sustainable Development Goals and Addressing Statelessness*, available at: <https://www.refworld.org/docid/58b6e3364.html>

UN. *The 17 Goals*. Disponível em: <https://sdgs.un.org/goals> [Acesso em: março de 2021]

UNHABITAT. (2020). *World Cities Report 2020: The Value of Sustainable Urbanization*, UN, New York, <https://doi.org/10.18356/27bc31a5-en>.

UNHCR. (2018, March-December). *Supplementary Appeal—Myanmar Refugee Emergency Response in Bangladesh*. UN High Commissioner for Refugees. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/bangladesh/supplementary-appeal-myanmar-refugee-emergency-response-bangladesh-march-december>

UNHCR. (2019). *Global Report 2019*. Disponível em: https://reporting.unhcr.org/sites/default/files/gr2019/pdf/GR2019_English_Full_lowres.pdf

UNHCR. (2017, March). *The Sustainable Development Goals and Addressing Statelessness*, Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/58b6e3364.html> [Acesso em: março 2021]

UNPD. *Gender-based violence*. Disponível em: <https://www.undp.org/content/undp/en/home/2030-agenda-for-sustainable-development/people/gender-equality/gender-based-violence.html> [Acesso em: fevereiro de 2021]

UNWomen and UNFPA. (2020). *Case Study: Bangladesh - Funding For Gender Equality And The Empowerment Of Women And Girls In Humanitarian Programming*. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/resource-pdf/funding-for-geewg-in-humanitarian-programming-bangladesh-en.pdf>

UNWomen. (2016). *Women refugees and migrants*. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/news/in-focus/women-refugees-and-migrants> [Acesso em: novembro de 2020]

UnWomen. *Equal rights. Equal contributors*. Disponível em: <https://www.undp.org/content/undp/en/home/2030-agenda-for-sustainable-development/people/gender-equality.html> [Acesso em: março de 2021]

Vigaud-Walsh, F. (2018). *Still at Risk: Restrictions Endanger Rohingya Women and Girls in Bangladesh*, Refugees International. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/506c8ea1e4b01d9450dd53f5/t/5b58d950562fa7945e42b7a0/1532549459128/Bangladesh+GBV+Report+-+July+2018+-+final.pdf>.

WFP. (2017, December). *Refugee influx Emergency Vulnerability Assessment - Summary Report*. World Food Programme Cox's Bazar. Disponível em: <https://docs.wfp.org/api/documents/WFP-0000050429/download/>

ANEXOS

ANEXO I – CARTA DE CONSENTIMENTO

Research project title: *Rohingya women's empowerment experiences in refugee camps in Bangladesh*

Research Investigator: Flávia Gorgulho

Research Participant:

I agree to participate in the research project led by Flávia Gorgulho, master's student in Development and International Cooperation at ISEG – Lisbon School of Economics and Management, University of Lisbon, with the orientation of Professor Sara Falcão Casaca.

I agree that taking part in this project will include being interviewed. I understand that my responses will be kept strictly confidential. I understand that my name will not be linked with the research materials.

I confirm that my participation in this is voluntary. In addition, should I not wish to answer any particular question or questions, I am free to decline.

I agree for this interview to be tape-recorded. I understand that the audio recording made of this interview will be used only for analysis and extracts.

I have read and understand the explanation provided to me. I have had all my questions answered to my satisfaction, and I voluntarily agree to participate in this study.

Participant's Signature

Researcher's Signature

Date:

ANEXO II – GUIÃO DA ENTREVISTA

Questão	Questão secundária
How are you related to the Rohingya Community?	And how are you related to the camps?
Do you know of any story of Rohingya women's resilience and empowerment within the camps? (for example working women, women active in decision-making, women who participate in projects development, women head of household, etc.)	
Did Rohingya women become more resilient in the refugee camps? Why?	Are you seeing/feeling Rohingya women becoming more resilient and empowered in the camps compared to how they were in the past? If yes, how and what's the impact of that? If not, why?

What are the current obstacles/challenges/barriers that are preventing more Rohingya women to be empowered?	
If you could suggest one key improvement for the development of Rohingya's women's empowerment, what would it be?	
In your opinion, what is the importance of empowering Rohingya women in the camps?	
Do you think that if Rohingya women participated more actively in decisions within the camps, the execution of solutions to improve everyone's life in the camps would be more effective?	
Where do you see the role of Rohingya women in the camps evolve to?	What is needed to make that empowerment development happen, to bridge the gap between today and the desired future state?

ANEXO III – LISTAGEM DOS/AS ENTREVISTADOS/AS

Atribuição	Enquadramento nos campos de refugiados/as
A	Diretora de uma organização que visa dar bases educativas a crianças, jovens e mulheres
B	Consultadora de Estudos Culturais de um projeto cultural nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar
C	Artesã Bangladeshi que apadrinha o desenvolvimento de projetos artísticos com mulheres Rohingya
D	Diretora de um projeto cultural nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar
E	Voluntária na área de Prevenção de Violência de Género nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar
F	Trabalhadora humanitária em projetos com mulheres Rohingya nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar
G	Curador de um projeto cultural nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar
H	Trabalhadora Humanitária na área de Prevenção de Violência de Género nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar
I	Diretora de um programa de Proteção nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar
J	Trabalhadora humanitária em projetos com mulheres Rohingya nos campos de refugiados/as de Cox's Bazar

ANEXO IV – CITAÇÕES RELEVANTES

A	<i>Rohingya culture is extremely conservative and it has been very isolated from other cultures, like in Myanmar. Because of that, the girls haven't been exposed that much to other women, cultures, etc. And so the moment they are in the camps, [these Rohingya girls and women] see for the first time educated women, and a lot of nurses and doctors are Bangladeshi women.</i>
B	<i>Honour and maintaining a woman's honour is a very complex subject. Rohingya society has a lot of rituals and rules. Any "indiscipline" – and sometimes it is something so simple like looking at someone or talking to someone – can tarnish the honor of a woman and the whole family, and this woman will suffer for the rest of her life, she can even be beaten in the streets.</i>
C	<i>Rohingya women are playing an important role in the development of the future of Rohingya people. We are seeing their empowerment in advocacy groups; I think because we have women working in aid organizations and they are getting trained. And they are starting to ask themselves how to be part of the decision making process.</i>
D	<i>One of the interesting things about the Rohingya life in displacement is that we are seeing more space for women, than before. For their free movement, financial power, for them to participate in decision making and get exposed to different models of what it means to be a woman. Living in the camps they have contact with non-Rohingya women, Bangladeshi and NGO workers. Some wear burkas, some not. This resulted in a different sense of themselves. To understand what is possible as a woman. It's not just being a woman, meaning to be a wife, take care of your household, raise the children, you get bitten if you don't have the things clean and tidy or you don't have the lunch ready on time. Which is basically the idea of their cultural beliefs. Their society. They were not exposed to any other model of how to be a woman.</i>
E	<i>[Women] that learned about gender-based violence and how it happens are able to teach other women how to prevent it. Previously, they were scared to go out of their shelter, but after starting to attend the committee's meetings, they found courage.</i>
F	<i>Everything changed now that they are living at the Rohingya camps. Men can no longer work in the field, as they were restricted from income opportunities by the authorities. In the project we have 22 women who make an income for being part of this embroidery group. Many of them are the only income members of their families. And that changes the dynamics within their household; now it brings them respect. They can make some decisions about what food to buy. They talk about their desire to buy more nutritious food for their children, buy new clothing for themselves, make-up, jewelry, put away some money for the household, etc.</i>
G	<i>Rohingya women and girls are suffering from violence and abuse in the camps. The issue is closely related with gender roles, economic hardship and early marriage. Even though things have changed, not all of them are in the same situation and are able to open their brain to a new era.</i>
H	<i>These girls are being more exposed to other women of different cultures, and it opens their eyes. I've seen women a little bit looser in their clothing. Not wearing a full burka, some of them only wearing a hijab. Things are becoming more easygoing.</i>

I	<i>Social norms are changing. In Rakan State they had more physical space. Coming here they mixed up with strangers and new faces and ways of living. The conservative side raises, because they are more exposed to the unknown.</i>
J	<i>There is very much a ceiling. In order to have a true women's resilience and empowerment within a community, you have to change Rohingya practices, beliefs, attitudes, and that is very slow process. It has to be community led, you can't just come in with external impacts.</i>